

O SEGREDO DE MÃE DOCELINA

Mãe Docelina é a maior quietude de toda a região da Mata do Fundão. Tem cor de jabuticaba madura e um sorriso muito branco.

Cocadas, cajuzinhos, sonhos, broas, suspiros, todas essas e muitas outras delícias Mãe Docelina sabe fazer. O que se tem notícia – e é certo – é que ela sabe como se pode multiplicar os dias e as horas do dia. Ela conhece este mistério, sabe o segredo. E o saci, que mora com ela, também.

Essa história, danada de boa, conta com curiosos e divertidos bichos falantes. Gente também.

O Compadre Tônico, maior caçador do Brasil, o seu fiel companheiro São Neném e mais três belas figuras: a Boneca de Piche (tratada como se fosse gente), a indiazinha Tuiuiú e o bravo guerreiro Parakatoka, o Tininim.

Já de bicho, temos para todos os gostos e tamanhos. Tem o Geraldinho, um coelho tagarela; o Moacir, um jabuti mensageiro e o Pedro Vieira, um tatu que sabe fazer uma porção de coisas (até arrancar dente). Quem não desgruda dos livros são o Alan, o macaco admirador de Drummond e o Professor Nogueira, mentor da turma, coruja pra lá de sábia. E, finalmente, temos Galileu, uma onça bacana, mansa mesmo, mas de personalidade.

As histórias que conhecemos vivem fora do tempo e vão ficar – na nossa imaginação – como quisermos que fiquem.

Agora, cá entre nós, se Mãe Docelina voltou a contar seus causos, é porque só tem uma explicação: gente, a Turma do Pererê voltou!

Editora Moderna

Literatura e recepção: leitura e subjetividade

Fernanda Bastos*

O presente trabalho examina o processo de recepção da obra de arte literária e, de modo mais específico, o processo psíquico da leitura. A investigação baseou-se no desejo de entender como a narrativa ficcional liga-se ao mundo imaginário do leitor, às suas fantasias e às suas emoções, desencadeando um processo psicológico profundo, que é capaz de ajudar o leitor a solucionar seus conflitos interiores e modificar sua visão de mundo.

Para tanto, organizei o estudo em duas etapas. A primeira, em que exponho as idéias teóricas a respeito do tema, tendo como base três autores psicanalíticos e estudiosos da arte, particularmente da obra de arte literária: Sigmund Freud, Ernst Kris e Norman Holland. A segunda parte, em que ilustro o processo da recepção literária, parto da análise da personagem ficcional Bastian Baltasar Bux, protagonista de *A história sem fim*, de Michael Ende, e da minha experiência pessoal como leitora deste livro.

A proposta de análise de uma personagem ficcional deve-se ao fato de que seria impossível apresentar dados de pesquisa satisfatórios que comprovassem a teoria em questão em função do limite de tempo para a tarefa. Contudo, a experiência como psicóloga clínica que associa a literatura à técnica psicoterapêutica, assim como pesquisadora do Projeto de Pesquisa *Literatura infantil e medicina pediátrica: uma aproximação de integração humana*, na tarefa de contadora de histórias para crianças enfermas, além da própria vivência como leitora, mostraram-me que a literatura oportuniza ao leitor, ou ao ouvinte, vivenciar e ressignificar de maneira profunda e intensa seus sentimentos mais obscuros, de mais difícil acesso, que são revividos e purgados de modo seguro, ajudando-o

* Mestre em Teoria da Literatura /PUCRS.

a obter, além do prazer estético, o controle sobre as pulsões mais hostis, levando-o à compreensão intelectual e emocional sobre si e sobre o mundo em que vive.

Freud já apresentava a idéia de que a civilização repousa sobre o controle dos impulsos. Essa conclusão do pai da psicanálise ocorreu após seus estudos sobre a psiquê humana. Estes partiram da observação e análise dos pensamentos e emoções de seus pacientes, principalmente de seus sonhos interpretados e analisados nas sessões psicanalíticas. A análise dos sonhos ajudou-o a entender o processo de estruturação e funcionamento da mente: a atividade psíquica, as emoções, os conflitos, as defesas, as fantasias e os pensamentos que povoam o imaginário do homem, levando-o, muitas vezes, ao sofrimento, senão à loucura.

O teórico nos explica que, quando nascemos, dependemos dos cuidados maternos para que possamos nos desenvolver como indivíduos. O indivíduo se constitui a partir de sua carga genética e da interação e experiência pessoal com o meio externo, ou seja, pais, familiares, amigos, professores, enfim seu círculo de relações familiares, sociais e educacionais. É esta vivência particular a maneira como percebemos e entendemos o mundo (e aí incluem-se as nossas emoções) que nos faz pessoas distintas, mesmo que pertençamos a uma mesma família.

Cada estímulo significativo vai deixar impresso em nossa mente um traço mnêmico, que, somado a outro, forma nossa memória e nossas lembranças, que podem ser positivas ou negativas. As positivas buscam ser revividas, e as negativas, as que geram dor e sofrimento, o cérebro procura recalá-las. O recalque e a repressão, defesas que exercem uma função protetora à psique, podem, algumas vezes não funcionar, pois os impulsos e desejos interiores buscam sua realização, mesmo que de forma oblíqua. Por exemplo, o bebê quando sente fome e não é imediatamente satisfeito, sente-se frustrado. No entanto, tem impresso um registro mental positivo, isto é, de satisfação, pois a maior parte das vezes em que sentiu fome foi alimentado e cuidado. Isso o capacitou a acreditar que irá novamente reviver essa experiência prazerosa. Todavia, para abrandar o incômodo, chupa o dedo, buscando nesse ato satisfazer um desejo oral, mas de forma indireta: alucinando, ou seja, imaginando o seio materno. Isso, porém, só é possível devido à confiança que se estabelece entre o bebê e o meio externo. Tanto que crianças que sofrem privação afetiva e alimentar têm seu desenvolvimento cognitivo afetado. A saúde mental de uma pessoa está diretamente relacionada aos cuidados satisfatórios recebidos

na primeira infância e revividos durante o seu crescimento e amadurecimento.

À medida que a realidade passa a ser percebida pelo bebê, a alucinação dá espaço para a simbolização, ou melhor dizendo, para a fantasia, para o faz-de-conta e é a partir dessa realidade ficcional que se estrutura o pensamento intelectual. Neste ponto o aparelho psíquico já está estruturado: o inconsciente, o pré-consciente e a consciência. O funcionamento ainda é primário e as pulsões e desejos tendem a buscar realização imediata. Contudo, os cuidados e a educação familiar e escolar ajudarão a criança em sua tarefa de controlar os impulsos mais vis e, mais adiante, de controlar suas paixões.

Freud salienta que esta etapa da vida é de suma importância para o ser humano, pois quanto mais a fantasia for alimentada, mais a mente se desenvolve. Atualmente a neurofisiologia explica essa idéia através do funcionamento do córtex cerebral e seu desenvolvimento: quanto mais estímulos positivos, isto é, estímulos organizados (como por exemplo, a leitura de uma história infantil), mais conexões cerebrais serão realizadas e completadas, levando à formação do cérebro, e por consequência, da memória. E a memória nada mais é do que a aquisição ou aprendizagem, a formação, a conservação e a evocação de informações, segundo nosso ilustre médico, cientista e pesquisador da UFRGS, Dr. Iván Izquierdo. Tudo o que somos, a identidade que temos e o conhecimento que adquirimos são embasados nas nossas recordações e lembranças inicialmente infantis.

O ser humano desenvolve essa função do ego, principalmente através da fantasia. A fantasia é um processo psíquico motivado pelos desejos insatisfeitos, ela é, ao mesmo tempo, desejos insatisfeitos e realizações desses desejos, isto é, o caminho alternativo sob uma nova forma para uma realidade que não satisfaz. A fantasia ajuda a criança a criar e organizar um mundo satisfatório de forma agradável, oposto ao real, não necessariamente ao que é sério, mas ao que não lhe causa desprazer e sofrimento, pois ela realiza seus desejos. A fantasia é motivada pelo desejo que a criança tem de crescer, tornar-se adulta, independente e autônoma. Ela auxilia positivamente o crescimento emocional e psíquico do sujeito, ajudando-a a lidar com seus sentimentos. No entanto, isso é válido para as crianças saudáveis que desenvolvem a capacidade de diferenciar realidade de fantasia, pois, do contrário, as próprias fantasias infantis causam danos à mente humana.

Ao tempo em que o homem amadurece, a fantasia vai dando espaço ao pensamento intelectual e os desejos passam a ser melhor

dominados e controlados, porém não desaparecem: eles são recalcados ou sublimados. De qualquer maneira, é nos sonhos que temos total acesso a esses desejos, ou através da criação e recriação artística. Para Freud os sonhos são experiências psíquicas de inteira validade, processos cognitivos normais, pois, mesmo dormindo, a mente do indivíduo permanece em atividade.

Os sonhos derivam das experiências pessoais e levam-nos a memórias e a lembranças que são normalmente inacessíveis quando se está desperto. Contudo, nos sonhos, a memória e as emoções parecem não ser diretamente afetadas, somente são distorcidas e deslocadas de suas reais representações. Por isso, os sonhos parecem às vezes confusos e outras vezes ininteligíveis, o que não impede que o sonhador os vivencie como uma experiência real, até acordar e dar-se conta da realidade.

As fantasias diurnas procedem da mesma forma que os sonhos ou o pensamento noturno, pois como eles são realizações de desejos e se beneficiam do relaxamento da censura, e o material para sua composição é fornecido pelas lembranças infantis que estruturam as fantasias mais recentes, compondo um novo material, uma nova fantasia. Um exemplo de fantasia adulta é a criação e composição de uma narrativa literária ficcional.

Ernst Kris é quem explica esse processo de criação, como também o da recepção artística. O psicanalista contemporâneo de Freud leva em consideração as idéias a respeito da fantasia elaboradas pelo pai da psicanálise. Ele demonstra que a capacidade do adulto em criar um mundo ficcional, ou recriá-lo através da leitura de uma obra de arte literária está diretamente relacionado com a sua infância: época em que brincava de faz-de-conta, fantasiando e imaginando um outro mundo. Essa capacidade da criança é o ponto de partida que lhe fará, mais adiante, aceitar outras realidades ficcionais que não a sua própria fantasia: as histórias infantis e a arte em geral.

Em relação à literatura, Kris denomina a capacidade de ficcionalizar de "ilusão estética". Ou seja, a necessidade do homem em buscar prazer o leva a crer em uma história criada por outra pessoa, no caso o escritor, e que não é real, mas ficcional. No entanto, semelhante ao sonho, é sentida "como se" fosse real.

Holland comenta a respeito, dizendo que a literatura sonha um sonho por nós. Isso porque a recepção literária guarda semelhança com o processo dos sonhos. Neste sentido, Holland aprofunda os estudos de Freud e Kris sobre os processos psíquicos mentais e comenta que no ato da leitura a mente regride tal qual no sonho, porém a regressão se dá até a memória, as lembranças e

desejos infantis, e não à senso-percepção, como no sonho. Se isso ocorresse teríamos uma alucinação, pois estaríamos acordados. Nos sonhos, a mente pensa por imagens visuais, como se estivéssemos vivendo a cena onírica naquele momento. Na leitura, a mente mantém o pensamento intelectual conceitual e não perceptivo, que é oposto ao pensamento dos sonhos ou à alucinação; a consciência está atenta, e crítica e censura estão a postos. Entretanto, a forma do texto e sua estrutura permitem que as fantasias do leitor sejam orientadas e organizadas de tal maneira que ele sente que não são suas as fantasias, mas as da personagem.

Kris explica que isso é possível porque o leitor identifica-se com a personagem, com o herói da narrativa. Holland complementa dizendo que através da identificação com o protagonista da história o leitor projeta suas emoções e fantasias mais obscuras na personagem e as revive intensa e profundamente, pois tem a segurança de que aquilo não é real, é apenas uma história. Esse processo se estabelece porque a obra de arte literária convida o leitor a assistir a uma experiência que não é a sua e a vivê-la. A ilusão permite que o sujeito não aja, não se torne ativo, e é exatamente a inatividade motora que o leva a regredir psicicamente, como nos sonhos e deixar livre suas emoções e fantasias. A atividade motora, ou seja, a possibilidade de vir a atuar de forma real, gera potencialmente ansiedade e tensão, e o leitor só aceita a tensão porque ela diz respeito ao enredo, à personagem e não à sua vida pessoal.

A proteção da ilusão estética, a segurança que ela proporciona ao indivíduo é que faz Kris explicar a situação complexa que é o prazer do desagradável na arte, especialmente a comoção do leitor ao ler e reler as tragédias. A ilusão, nesse sentido, protege o leitor do perigo, pois é um perigo ficcional, mesmo que seja idêntica à vida do sujeito. Kris acredita, como Aristóteles, que a arte tem uma função catártica, já que descarrega as tensões inconscientes e purga a alma do leitor, estimulando o aparecimento de emoções que se hesitariam viver, uma vez que retratam os próprios conflitos pessoais. Estes não têm permissão para serem revividos devido à censura mental ou às normas sociais. A identificação com o herói permite, então, que o leitor tenha uma participação indireta no destino deste, bem como contato com os sentimentos mais perturbadores que, de outra forma, não seriam vividos pelo leitor, pois também não seriam aceitos socialmente.

Tal situação faz com que desejos e emoções reprimidos e proibidos tenham acesso à consciência e sejam exortados, permitindo, dessa maneira, que o ego obtenha o controle das pulsões antes reprimidas e recalçadas. A mente torna-se apta a pensar, pois a

energia pulsional está neutralizada e canalizada de forma correta, isto é, sublimada. Neste momento as associações e analogias, segundo Holland, começam a ser realizadas pelo leitor, que interpreta a história a partir de suas experiências e seus valores. A compreensão intelectual, nesse sentido, leva a um prazer adicional, pois o entendimento do leitor não diz respeito somente à narrativa, mas a sua vida e a seu próprio destino, levando-o a reflexões e, em muitos casos, a mudanças de paradigmas e, conseqüentemente, a possíveis mudanças em sua vida pessoal.

Holland aprofunda a idéia comentando que a leitura e a recepção de uma obra de arte literária é um processo psicológico de transformação: transforma a fantasia inconsciente do leitor em um significado consciente. Os desejos e medos do sujeito passam a ter um significado e coerência, e isso gera prazer. A fantasia moldada pelas mãos do escritor, que está contida no enredo da obra, é que vai dar força a esse significado inconsciente, que abranda e gerencia os temores e impulsos mais profundos, transformando as fantasias primitivas e inconscientes do leitor em significados adultos e civilizados. Por isso, o autor conclui que a literatura é uma transformação introjetada em que o texto literário fornece a fantasia que é introjetada pelo leitor como se fosse sua. A obra literária administra essa fantasia de duas maneiras: modelando-a com artifícios formais que operam como defesas e transformando a fantasia em direção aos significados aceitáveis pelo ego, isto é, sublimando-os. O prazer experimentado é o sentimento de ter uma fantasia própria e com as próprias associações, sendo manejadas e controladas, mas, ao mesmo tempo, permitindo uma expressão e satisfação limitadas.

Dentro desta visão podemos acrescentar que a recepção literária é um processo particular, visto que a interpretação da obra de arte literária está relacionada com o mundo interno do sujeito, da mesma forma que nos sonhos, que, por derivarem das experiências íntimas de seu sonhador, seu verdadeiro sentido e significado não podem ser vistos de forma isolada, mas a partir da história de vida deste indivíduo. Sendo assim, conclui-se que *ler é sonhar acordado*.

A conclusão pode ser verificada neste trabalho, a partir da análise da trajetória de vida de Bastian Baltasar Bux, protagonista da obra *A história sem fim*, de Michael Ende. Esta obra ficcional infanto-juvenil, publicada em 1979 em Stuttgart, trata, além da questão da fantasia e das paixões humanas, ou melhor, dos desejos mais profundos e secretos do homem, da recepção da obra literária, particularmente da interação entre texto literário e subjetividade do leitor.

Para construir a trama, o autor utiliza um narrador em terceira pessoa, onisciente, que conta a experiência de Bastian Baltasar Bux, um menino de dez anos de idade aproximadamente, que se depara com um "livro mágico", que o conduzirá a uma aventura plena de emoções e significados.

O garoto tímido, desengonçado e gordo tem problemas na escola, especialmente com os colegas e alguns professores que zombam de sua inteligência e forma física, tornando-o alvo de desprezo e discriminação. As dificuldades parecem estender-se à vida íntima de Bastian, pois seu pai, dentista, mesmo possuindo seu consultório na casa da família, após a morte da esposa transformase completamente: torna-se reservado, fala pouco com o filho e mantém o olhar triste, frio e distante, diferente do pai que tinha o hábito de brincar e de contar histórias.

As histórias parecem contagiar Bastian, que gosta muito de ler livros emocionantes e divertidos que falam à imaginação: "livros que contavam as aventuras fabulosas de criaturas fantásticas e em que se podia imaginar tudo o que se quisesse" (Ende, 2000, p. 21).

Imaginar e inventar histórias são, aliás, a principal atividade e a característica pessoal de Bastian, especialmente após a morte de sua mãe. Este evento modifica a vida do garoto que passa a ter sérios problemas e conflitos pessoais que só encontram solução após a longa experiência de leitura de uma narrativa ficcional, aos moldes dos contos de fadas acrescida da vivência de um sonho em que deixa de ser um anti-herói para assumir o papel de herói tal qual o protagonista da ficção que estava lendo. Dessa forma, Bastian pôde questionar suas atitudes e compreender suas emoções, bem como as de seu pai, resolvendo seus conflitos pessoais. A mudança pessoal ocorre, então, de maneira saudável e positiva, aprimorando sua identidade e sua saúde mental.

Observa-se que a recepção literária, o processo psicológico da leitura foi efetuado com sucesso, porque o jovem leitor estabeleceu uma identificação imediata com o livro. O prazer que Bastian tinha com a leitura facilitou o processo, contudo a atração "irresistível" pelo livro encontrado na livraria do Sr. Karl Konrad Koreander foi o que deu início à jornada do menino órfão.

Nota-se que Bastian depara-se com o livro, também denominado "A história sem fim", em uma situação muito estressante: estava fugindo dos colegas de escola que queriam brigar com ele. O garoto, para proteger-se, entra na loja do Sr. Karl, estabelece um diálogo com este e descobre o livro "encantado". Foge então para o

sótão da escola para realizar a leitura sossegadamente, longe de qualquer tipo de estímulo que pudesse atrapalhá-lo.

Ende demonstra nesta pequena introdução de sua obra o início do processo de recepção e de leitura de uma obra literária e aprofunda o tema narrando como Bastian identifica-se imediatamente com a história e seu herói. A narrativa que Bastian começa a ler o encanta, porque estimula sua fértil imaginação e não intenciona instruir ou “convencê-lo a fazer alguma coisa”, além de ser bem diferente da vida cotidiana e “vulgar de pessoas absolutamente vulgares” (Ende, 2000, p. 21). A história contava a vida do povo de “Fantasia” que estava em busca de um “Salvador”, ou melhor, do “filho de um homem”, que pudesse dar um novo nome à “imperatriz Criança”, a soberana desse reino, ameaçada pela dominação do “Nada”.

O herói que irá encontrar o “filho de um homem” chama-se Atreú, menino jovem, como Bastian, e órfão de pai e mãe. Guerreiro, pertencente ao povo de caçadores, “Povo da Erva”, dos “Pele-Verdes”, foi escolhido pela própria imperatriz, que enviou um mensageiro, o centauro “Cairon”, ser de Fantasia, reconhecido por sua arte médica. Cairon foi ao encontro de Atreú e lhe entregou o amuleto, “Aurin”, também denominado de “Signo”, “Jóia”, “Brilho”. Quem o utilizasse tornar-se-ia o porta-voz da imperatriz Criança e carregaria consigo todos os poderes da soberana. O medalhão contém o mesmo símbolo que está na capa do livro que narra essa história. Bastian acha que isso é muita coincidência, lê a descrição do amuleto e, ao mesmo tempo, pára a fim de observar o desenho e analisar a capa do livro. Isso, por si só, já o deixa muito curioso para prosseguir a leitura.

Bastian se emociona e identifica-se com o guerreiro que perde a oportunidade de se tornar caçador, e assim ser respeitado em seu povoado, para partir na “Grande Busca” e tentar salvar o reino de Fantasia. A identificação se deve ao fato de o herói, como ele, ser órfão, e, seu nome significar “Filho de Todos”. Enquanto Bastian sente-se como um “filho de ninguém” (ENDE, 2000, p.39). A narrativa também lhe agrada, porque as personagens, o espaço e o tempo são muito diferentes da realidade em que vive; todos possuem características fantásticas, dons mágicos, poderes espetaculares, e o ambiente em que se deslocam é um tanto estranho, permeado de sons, odores, ruídos que ora o tornam belo, encantador e aconchegante, ora transformam-no em um local inóspito, perigoso e aterrador.

A imaginação de Bastian é acionada. Ele mergulha intensamente no mundo ficcional, só interrompendo a leitura quando

necessita realizar suas necessidades fisiológicas, como urinar e comer, ou quando cai em um sono profundo. Dessa forma, o garoto acompanha a aventura plena de dificuldades e peripécias que o levam a refletir sobre seu comportamento medroso, inseguro e sua gula intensa. Bastian consegue, através das analogias e associações promovidas pela leitura da obra ficcional intensificada pela experiência do sonho e pelo desejo profundo de se parecer com o nobre e viril herói Atreú, modificar suas atitudes e comportamento, tornando-se um garoto mais corajoso, determinado, esperto e ativo, conquistando o afeto dos demais, principalmente de seu pai.

A leitura desta obra literária metaficcional, contada por Ende em dois planos narrativos – a experiência de Bastian como leitor e depois com integrante da narrativa ficcional – permite observar o processo de recepção de uma obra de arte literária, *in locu*, entendendo o processo psíquico da leitura em seu pleno significado. Isso porque a história de Bastian golpeou-me de uma só vez, levando-me a recordar emoções e lembranças da minha própria infância, similares às do protagonista, pois, como ele, também fui uma criança gorda e discriminada na escola. Os sentimentos de Bastian encontraram eco nos meus, e, dessa forma, vivenciei, durante o processo de elaboração deste trabalho, enquanto lia os teóricos e relia a obra, o que Michael Ende ilustrava em sua narrativa: como se processa psiquicamente a recepção de uma obra de arte literária.

A experiência de Bastian como leitor era similar à minha como leitora da história de sua vida, pois nossas mentes sofreram um processo psíquico em que desejos, emoções e fantasias foram administrados pela obra literária. Contudo, a identificação com o herói foi o ponto culminante para que pudesse compreender verdadeiramente sua dor e seu sofrimento, principalmente os que diziam respeito aos colegas e professores da escola. Essa identificação imediata “arrastou-me” para a obra, levando-me a realizar a leitura de maneira rápida, pois desejava saber o que iria acontecer com o meu “amigo” Bastian Baltasar Bux.

Dessa forma, o processo psíquico da leitura, essa experiência emocional e intelectual, investigada, analisada, elaborada e exposta neste trabalho pode encontrar no relato de minha experiência pessoal um outro estudo de caso, mesmo que breve e pouco profundo. Minhas emoções e fantasias, tais quais as de Bastian, foram purgadas e sublimadas, adquirindo sentido e significado; além do acréscimo cultural à minha vida, devido à riqueza de conhecimentos internalizados através da experiência de leitura da obra de arte literária. As idéias transmitidas pelo autor e a sabedoria que encontrava nos diálogos entre as personagens enriqueceram cultu-

ralmente minha vida intelectual e afetiva, e isso, com toda a certeza, modificou também um pouco da visão que tenho do mundo, bem como a maneira de pensar e atuar frente a determinadas situações externas. Pretendo, semelhante ao que ocorreu com Bastian quando descobriu o verdadeiro sentido da sua vida, sua verdadeira identidade, oportunizada pela profunda e rica experiência de leitura de uma obra de arte literária, manter a esperança de encontrar em cada nova leitura, de outras obras artísticas, o prazer e o conhecimento do mundo, das relações interpessoais, mas, acima de tudo, o conhecimento sobre o meu próprio ser, para ao “envelhecer [...], manter sempre o coração alegre [...], mesmo nos momentos mais difíceis” da vida (Ende, 2000, p. 382).

Referências

- ENDE, Michael. *A história sem fim*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- . O mal estar da civilização. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- . O ego e o id e outros trabalhos. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- HOLLAND, Norman. *The dynamics of literary response*. New York: Norton Library, 1975.
- IZQUIERDO, Iván. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- KRIS, Ernst. *Psicoanálises del arte y del artista*. Buenos Aires: Paidós, 1964.
- . *Psicanálise da arte*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.